



## *SAFADO CAVALEIRO, VA-T'EN BEN IN MALORA: A FALA DO ESCUDEIRO BISCAINHO, DE DON QUIJOTE, EM FRANCÊS, ITALIANO E PORTUGUÊS*

Prof. Dr. Milton M. Azevedo<sup>1</sup>

**RESUMO** – Este artigo compara diversas traduções da fala do fidalgo biscainho, no capítulo oito de *Don Quijote de la Mancha*, de Cervantes, a qual era um recurso cômico utilizado no teatro da época. Tal fala, escrita em dialeto literário, obriga o tradutor a escolher entre a língua padrão, e assim omitir conotações culturais relevantes, e algum dialeto não padrão, real ou inventado, a fim de preservar, pelo menos em parte, aquelas conotações.

132

**PALAVRAS CHAVE** – Cervantes, Quixote, dialeto literário, fala não padrão, fidalgo biscainho.

**ABSTRACT** – This article compares several translations of the tortuous speech of the Biscayne squire, in Cervantes's *Don Quijote de la Mancha*, Chapter Eight, a theatrical comic resource in vogue in Cervantes's time. Since the speech is written in a literary dialect, that passage requires the translator to choose between standard language, thus omitting relevant cultural connotations, and a nonstandard dialect, real or invented, to preserve those connotations at least partially.

**KEYWORDS** – Cervantes, Quixote, literary dialect, nonstandard speech, Biscayne squire.

---

<sup>1</sup> University of California, Berkeley, USA.



Uma área de interesse teórico e prático dos estudos de tradução é a que concerne às representações literárias da fala não-padrão, sejam estas dialetos regionais, socioletos, variedades híbridas, ou mesmo algum idioleto sumamente idiossincrático.<sup>2</sup> Tais textos representam um desafio ao tradutor, particularmente quando a língua de tradução não dispõe de uma variedade capaz de reproduzir, embora aproximadamente, as conotações regionais, sociais, ou culturais do original. Em tais casos, uma solução consiste em criar uma fala não-padrão, baseada em traços dialetais da língua de tradução que possam ao menos evocar algumas daquelas conotações.

As variedades híbridas usam-se de longa data em literatura —em verso, narrativa e drama— com diversas finalidades, notadamente o humor, baseado em certos estereótipos reconhecíveis pelos leitores. Tal é o caso da representação da fala do escudeiro biscainho que desafia dom Quixote a um duelo a espada, na seguinte passagem:<sup>3</sup>

...un escudero de los que el coche acompañaban, que era vizcaíno . . . le dijo, en mala lengua castellana y peor vizcaína, desta manera: — **Anda, caballero que mal andes; por el Dios que crióme, que si no dejas coche, así te matas como estás ahí vizcaíno.** Entendióle muy bien don Quijote, y con mucho sosiego le respondió: — Si fueras caballero, como no lo eres, ya yo hubiera castigado tu sandez y atrevimiento, cautiva criatura. A lo cual respondió el vizcaíno: — **¿Yo no caballero? Juro a Dios tan mientes como cristiano. Si lanza arrojas y espada sacas, ¡el agua cuán presto verás que al gato llevas! Vizcaíno por tierra, hidalgo por mar, hidalgo por el diablo, y mientes que mira si otra dices cosa.** (Miguel de Cervantes. *El ingenioso hidalgo don Quijote de la Mancha*. Vol. 1. Edición de Luis Andrés Murillo. Madrid: Editorial Castalia, 1978, 135-136)

<sup>2</sup> Este artigo, originalmente publicado na *Revista Portuguesa de Humanidades* (Vol. 12:1, 2008, págs. 159-172), complementa o artigo “**Erro! Apenas o documento principal.** Get thee away, knight, be gone, cavalier: English Translations of the Biscayan Squire Episode in *Don Quixote de la Mancha*”, publicado em *Hispania* (Vol. 92:2, 2009, págs. 193-200).

<sup>3</sup> As traduções utilizadas vêm identificadas após cada passagem citada. Conservaram-se a ortografia e a pontuação, assinalando-se com parênteses retos a data original de publicação. Acrescentaram-se negritas, quando necessário, para ênfase.



Tal representação, que bem demonstra como Cervantes experimentava com distintos registros (Parr, 393), constitui um exemplo de dialeto literário, recurso estilístico empregado "to represent in writing a speech that is restricted regionally, socially, or both" (Ives, 146). O comentário metalinguístico do narrador sobre a "mala lengua castellana y peor vizcaína" do escudeiro recordava ao leitor da época que muitos falantes de basco expressavam-se num espanhol aprendido parcialmente e influenciado pela sintaxe de seu idioma materno. De um ponto de vista linguístico, é normal que se formem, em situações prolongadas de contacto, tais variedades híbridas, por definição não-padrão, nas quais a língua materna influencia o segundo idioma nos níveis fonológico, morfológico, sintático e léxico.<sup>4</sup> Em condições favoráveis, a fala híbrida resultante pode eventualmente vir a ser reconhecida como uma variedade legítima, conquanto portadora de conotações sociolinguísticas específicas, como no caso do cocoliche<sup>5</sup> da região rioplatense.

134

Cervantes não dá nenhuma indicação sobre o sotaque do escudeiro e baseia a sua fala híbrida na estrutura gramatical, supostamente marcada pela sintaxe do idioma vasco. Seus contemporâneos certamente reconheceriam o estereótipo, muito popular na época, e que ele mesmo empregara em outras obras. Quevedo satirizou essa fala teatral num escrito incluído em seu *Libro de todas las cosas*: "Si quieres saber vizcaíno, trueca las primeras personas en segundas, con los verbos, y cátrate vizcaíno: como *Juancho, quitas leguas, buenos andas vizcaíno*" (246). Como comenta Luis Murillo na edição supracitada, "Cervantes imita el mal castellano de los vizcaínos poco cultos. El tipo cómico del basco y su manera de

---

<sup>4</sup> Sobre falas híbridas, vejam-se Thomason (2001) e Sebba (1997).

<sup>5</sup> Desenvolvido na região do Rio da Prata devido ao contato entre o espanhol e os dialetos dos imigrantes italianos, o cocoliche veio a constituir o veículo de uma literatura, que focaliza a alienação social do imigrante num ambiente pouco acolhedor. Veja-se Avenir Rosell, *El cocoliche*. Montevideu, Distribuidora Ibana, 1970, e Graciela Barrios, "Marcadores lingüísticos de etnicidad." *International Journal of the Sociology of Language*, 117, 1996, 81-98.



expresarse en castellano fue tópico literario en los siglos XVI y XVII y lo trató Cervantes en su entremés *El vizcaíno fingido* y en la comedia *La casa de los celos*" (135, nota 26). Cítese, como exemplo desta última peça, a fala de Blas, o escudeiro de Bernardo del Carpio:

Blas — Señor sabio, que estás loco,  
tino vuelves desatino.  
Vizcaíno que escudero  
llevas contigo, te avisa  
camines no tanta prisa,  
paso llesves de arriero.  
Tierra buscas, tierra dejas,  
tanta parece hazaña,  
pues, metiendo en tierra estraña,  
por Dios, de propria te alejas.  
Bien que en España hay que hacer;  
moros tienes en fronteras,  
tambores, pitos, banderas  
hay allá; ya puedes ver.<sup>6</sup>

135

Embora estereotipada, é possível que essa representação tivesse uma base real,<sup>7</sup> mas de qualquer forma, é suficientemente resistente para vir aparecer em um romance recente, na fala de um oficial naval do século XVII, caracterizado como "un vascongado recio . . . [que falava] quebrando el parlamento como solían los vascongados" e que diz frases arrevezadas como "Vuestra merced, señor Alatríste, conviene saber qué opinas queremos. Oficial único de *Mulata*, o así." (PÉREZ-REVERTE, 336) Como qualquer dialeto literário, o seu êxito como recurso estilístico depende do contraste com a linguagem padrão da voz

<sup>6</sup> Cervantes Saavedra, Miguel de. *Comedia famosa de la casa de los celos y selvas de Ardenia*. Edición de Florencio Sevilla Arroyo. Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes

< [<sup>7</sup> Menciona Lipski que a representação da fala biscaína dependia de "incorrect subject-verb agreement, with an overwhelming preference for the second person singular \(-s\) as invariant verb form. Bizarre word-order alteration frequently occurred, as did unstable gender and number agreement" \(4\), even though "it is impossible to completely rule out the possibility that the vizcaíno imitations may once have been accurate imitations of Spanish-Basque bilinguals" \(5\). \(John Lipski, "The Spanish of Castile/La Mancha/Basque Country." < <http://www.personal.psu.edu/jml34/Castile.pdf> >\)](http://www.cervantesvirtual.com/servlet/SirveObras/05819514255747562032268/p0000001.htm#I_1_></a></p></div><div data-bbox=)



narradora e de outras personagens. Contrasta também eficazmente com outras falas não-padrão representadas na obra, como o singular idioleto cavalheiresco, aprendido nos livros de cavalaria, que Dom Quixote utiliza para dirigir-se à dama que viaja na carruagem escoltada pelo escudeiro: "La vuestra fermosura, señora mía, puede facer de su persona lo que más le viniere en talante." Nessas poucas palavras saltam à vista uma estrutura sintática arcaica (artigo + possessivo + substantivo: *la vuestra fermosura*) e dois arcaísmos léxicos (*fermosura* por *hermosura* e *facer* por *hacer*). Portanto, no contexto da narrativa, a fala do escudeiro biscainho está mais próxima da realidade linguística da época do que esse idioleto profissional de Dom Quixote, que contrasta marcadamente com o espanhol comum da época cervantina.

Coloca-se, assim, a questão: Que sucede quando um texto que foge tanto à norma é traduzido a outro idioma? Para considerar as possíveis respostas, examinaremos as soluções encontradas em várias traduções do *Quixote* ao francês, ao italiano, e ao português. Começemos por um exame da estrutura do original. Longe de ser uma algaravia, a fala do escudeiro apresenta traços regulares. Ao passo que o espanhol é uma língua do tipo SVO, em que os formantes da oração seguem a sequência básica *Sujeito - Verbo - Objeto*, o basco é do tipo SOV, com uma ordem não marcada *Sujeito - Objeto - Verbo*. Esta ordem reflete-se nas construções *lanza arrojas, espada sacas*, e, parcialmente, em *otra dices cosa*, em vez de *arrojas lanza, sacas espada, dices otra cosa*. Nota-se também nessas construções a ausência do artigo definido (em vez de *la lanza arrojas, la espada sacas, no dejas el coche*), traço este atribuível à influência do idioma basco, no qual o artigo definido vem posposto ao substantivo, colocação esta impossível em espanhol. Por outro lado, pode-se supor que, em expressões como *por el diablo* e *por el Dios que*, a presença do artigo definido *el* advenha de tratar-se de frases feitas, e como tais, aprendidas como um todo. O mesmo raciocínio se aplica a *el agua* e *al gato*, pertencentes à expressão popular *llevar el gato al agua*, que se comentará mais adiante.



Uma solução elementar para a questão de como traduzir a fala não-padrão do escudeiro consiste em contornar o problema, transpondo o texto à variedade padrão da língua de tradução. É o que se vê nas três seguintes traduções ao português:

(1) . . . um escudeiro . . . biscainho . . . lhe disse em mau castelhano e pior biscainho o que pouco mais ou menos vinha a parar nisto:

— Anda, cavaleiro, que mal andas; pelo Deus que me criou, que, se não deixas o coche, morres tão certo como ser eu biscainho. . . . — Não sou cavaleiro eu? juro a Deus que mentes, tão certo como ser eu cristão; se arrojas lança ou arrancas espada, verás como te vai tudo pelo pó do gato; biscainho por terra, fidalgo por mar, fidalgo com os diabos; e, se o negares, mentiste.

(*Dom Quixote da Mancha* Tradução de Francisco Lopes de Azevedo Velho de Fonseca Barbosa Pinheiro Pereira e Sá Coelho & António Feliciano de Castilho. Honoré-Victorin Daumier (1808-1879) Edição: 2005 eBooksBrasil.com Online <<http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/quixote1.pdf>>)

(2) Um dos escudeiros, que era biscainho . . . disse-lhe numa linguagem mascavada de castelhano e biscainho:

—Safado cavaleiro, que não sabes com quem te metes! O coche ou vai para a frente ou à fé de biscainho que te arranco já a alma! . . . Não sou cavaleiro, eu? — replicou o biscainho. — Juro a Deus que o sou mais do que tu és cristão de verdade. Se me jogas a lança ou puxas da espada, vais ver uma fona. E fica sabendo: *biscainho por terra, fidalgo por mar, fidalgo no meio do inferno*. Mentes com quantos dentes tens na boca se disseres o contrário!

(*D. Quixote de la Mancha*. Versão de Aquilino Ribeiro. Lisboa: Livraria Bertrand, 1959,75)

(3) ... um escudeiro ... que era biscainho ... lhe falou, em má língua hispânica e pior biscainha, desta maneira:

— Anda, cavaleiro que mal andes; pelo Deus que criou-me, se não deixas coche, assim te matas como aí estás biscainho. . . . — Eu não cavaleiro? Juro a Deus muito mentes como cristão. Se lança jogas e espada arrancas, língua bem logo a tua dobrarás! Biscainho na terra, fidalgo no mar, fidalgo no inferno, e mentes tu se outra dizes coisa.

(*O engenhoso fidalgo D. Quixote de La Mancha*. Tradução de Sérgio Molina. São Paulo: Editora 34 Ltda., 2002, 123)

Não obstante optarem todas pela transposição à variedade padrão, as três traduções apresentam soluções ligeiramente diferentes. A primeira, de Azevedo e Castilho, embora



preservando o comentário metalinguístico "em mau castelhano e pior biscainho," está vazada num português bastante gramatical, a não ser pelo detalhe da falta do artigo em "arrojas lança ou arrancas espada". A segunda tradução, de Aquilino Ribeiro, mantém aquele comentário ("numa linguagem mascavada de castelhano e biscainho"), mas emprega uma sintaxe basicamente padrão, inclusive com os artigos apropriados ("jogas a lança ou puxas da espada"), embora evocando um tom de oralidade mediante alguns toques léxicos coloquiais, tais como "safado", "vais ver uma fona" e "mentes com quantos dentes tens na boca". A terceira tradução, de Sérgio Molina, igualmente preserva o comentário ("em má língua hispânica e pior biscainha") mas modifica a sintaxe portuguesa, conservando a ordem original das palavras ("lança jogas e espada arrancas . . . mentes se outra dizes coisa") e introduzindo uma nova frase com a ordenação objeto - verbo ("língua bem logo a tua dobrarás").

A tradução do dialeto literário apresenta vários problemas (SNELL-HORNBY, 1986, 1988; AZEVEDO 1998) da variação linguística (MAYORAL, 1999). Embora possa justificar-se, a decisão de verter uma fala dialetal à língua padrão tem a desvantagem de eliminar um elemento essencial na caracterização da personagem, cuja comicidade depende essencialmente de sua maneira de falar. No caso específico do escudeiro biscainho, não se trata só de humor, e sim de certa ambivalência sutil entre a imagem cômica e as sua atitude varonil. Se se tratasse de uma personagem séria, que se expressasse em uma linguagem gramaticalmente correta, não haveria nada extraordinário na sua atitude belicosa contra quem percebe como um doido armado. A ambivalência consiste em que essa personagem inicialmente cômica dispõe-se a cumprir cabalmente suas obrigações cavalheirescas —no que se revela tão nobre e corajosa quanto Dom Quixote— participando num combate a espada em que leva desvantagem, porquanto, ao contrário do seu adversário, que dispõe de uma rodela, o escudeiro só tem por proteção uma frágil almofada, que se desfaz à primeira espadeirada. Portanto, a fim de preservar a caracterização completa da personagem, a tradução deve captar também a sua maneira de falar. Note-se de passagem que as traduções



em linguagem padrão contradizem e deixam sem justificativa o comentário metalinguístico do narrador ("le dijo, en mala lengua castellana y peor vizcaína"). Por outro lado, nenhum destes tradutores optou pela solução de criar um dialeto literário *ad hoc*, não correspondente a qualquer dialeto real, que veremos explorada em algumas das traduções seguintes.

Também refletem métodos distintos as traduções ao italiano, aqui reproduzidas:

(1) Uno scudiero . . . si fece a dirgli in cattivo castigliano e peggior biscaino: "Va, cavaliere, col tuo malanno: ti giuro per chi m'ha messo al mondo che se tu non lasci andar questo coccio ti ammazzo da biscaino che sono. . . . Io non sono cavaliere? Giuro a Dio que tu menti come cristiano. Se porti lancia e cingi spada vedrai quanto presto il gatto te la graffierà via! biscaino in terra, idalgo in mare, idalgo pel diavolo! e mente chi porta altra opinione. (*Don Chisciotte della Mancia con Sancio Pancia suo scudiere*. Traduzido por Bartolomeo Gamba, Milano: Libreria Dante Allighuieri di Enrico Politti, sem data)<sup>8</sup>

(2) . . . uno scudiero . . . biscaglino . . . gli disse, in cattivo castigliano e peggior biscaglino: —Via, cavaliere, alla malora; a quello Dio che m'ha creato, se non lasci il cocchio, t'ammazzo come lí ti trovi il biscaglino. . . . Non cavaliere io? giuro a Dio che mentisci come è vero che sei cristiano. Se lancia scagli e la spada trai, vedremo chi la vince. Biscaglino sulla terra, nobiluomo per mare, nobiluomo per l'inferno; guarda se altro dici mentisci. (Cervantes, M. *Don Chisciotte della Mancia*. Traduzido por Alfredo Giannini, Vol 1. Florence: G. C. Sansoni Editore. 1923, 70)

(3) uno Scudiero . . . che era Viscaino . . . gli disse in mala lingua Castigliana & peggio Viscaina in questa guisa. Anda cavagliero, che mal andes, por el Dios che criòme, che sinò descias coccie, assi te mattas, como estàs à Viscaino. . . .Io no Cavagliero? giuro a Dios tan miente, como Christiano, si lanza arroschas, i espada saccas, el agua quan presto veràs che al gatto glievas: Viscaino por tierra, hidalgo por mar, hidalgo por el diablo, i mientes, che mira si otra dizes cosa. (*Del Ingegnoso Cittadino don Chisciotte della Mancia*. Traduzido por Lorenzo Franciosini. Venetia: Appresso Andres Baba, 1625)

<sup>8</sup> O mesmo texto aparece em outra edição sem data e sem o nome do tradutor, intitulada *Don Chisciotte della Mancia*, da Michele Cervantes, Milano, Casa Editriche Sonzogno. Uma versão com a data de 1818, ligeiramente modificada em aspectos não essenciais para esta análise, acha-se disponível em Wikisource, entrada "Don Chisciotte della Mancia" <[http://it.wikisource.org/wiki/Don\\_Chisciotte\\_della\\_Mancia](http://it.wikisource.org/wiki/Don_Chisciotte_della_Mancia)>.





(4) . . . uno scudiero . . . biscaglino . . . gli disse in cattivo spagnuolo e peggior biscaglino: —Ma vadi ben in malora! Com'è vero Dio, se lò non lassa andà la carossa, mi l'amasso. Mi son biscaglin! . . . Mi non son cavalier? — replicò il biscaglino. — Giura a Dio che lò mentisse, com'è vero che l'è al mondo. Se lò butta via la lancia e tira fura la spieda, lo vedrà lò, quando sto a mi tajèr la testa al toro! Biscaglin per terra, gentiluom per mare, gentiluom pel diavolo, e badi che lò el dis una busia, s'è dis al contrario. (*Don Chisciotte della Mancia*. Traduzido por Ferdinando Carlesi. Milano: A. Mondadori, 1942, 92)

140

A tradução de Gamba, basicamente em italiano padrão, mantém um mínimo do original com a ausência de artigo em *porti lancia, cingi spada*, ao passo que a de Giannini, também em italiano padrão, conserva alguns traços do original, como a ordem inversa (*se lancia scagli e la spada trai, guarda se altro dici mentisci*). Contrasta com ambas a de Franciosini, que cria um discurso bilingue mediante algumas formas espanholas (*anda, andes, por el Dios, lanza, veràs* [sic]), que certamente seriam compreendidas por leitores moderadamente cultos de princípios do século XVII, quando o castelhano tinha ampla difusão na Itália. Além disso, Franciosini lança mão do chamado dialeto visual (BOWDRE, 1964), ou seja, italianiza visualmente a fala do escudeiro, italianizando ortograficamente algumas palavras, como it. *che* for esp. *que*, ou it. *gl* por esp. *ll* (*caballero* > *cavagliero*, *llevas* > *glievas*), ou it. *sc* por esp. *x*, letra esta que na época ainda representava a fricativa palatal [ʃ], como em *dexas* [ʊde~~as~~as] > *descias* e *arroxas* > *arroscias* [aʊro~~as~~as]. Por fim, a tradução de Carlesi estabelece o contraste entre a linguagem padrão do narrador e o linguajar do escudeiro, moldando segundo um dialeto italiano rústico da região situada entre a Toscana e a Romagna, na parte centro-norte da Itália, conforme nota do tradutor: "Abbiamo reso l'ibridismo castigliano-biscaglino del testo con un ibridismo tosco-romagnolo" (92). Temos aí quatro soluções distintas, das quais as duas últimas logram, mais que as primeiras, captar a estranheza implícita na fala original.



Também apresentam distintas soluções as traduções ao francês, conforme se vê nos seis textos seguintes:

(1) Un écuyer biscayen . . . luit dit en mauvais castillan mêlé de biscayen pire encore: Va-t'en, chevalier, tu t'égares; par le Dieu qui m'a créé, si tu ne laisses le coche, je te tue comme je suis Biscayen. . . . Je ne suis pas chevalier? repartit le Biscayen; je jure Dieu, tu mens autant que l'ait fait jamais aucun chrétien; si tu jettes ta lance et tires l'épée, je te ferai voir que tu portes le chat à l'eau: Biscayen sur terre, hidalgo sur mer, hidalgo pour le diable, et tu mens si tu dis autre chose. ([Cervantes Saavedra, Miguel de]. *Histoire de Don Quijote de la Manche*. Vol. 1. Traduzido por F. de Brotonne. Paris: Lefèvre, 1837, 56)

(2) . . .un cavalier biscayen . . . lui dit en mauvais espagnol de son pays: Va-t'en, cavélier que mal vas; par le Dieu qui me créé, si toi ne pas laisser le carrosse, moi te tuer comme suis Biscayen. . . . Moi, non cavélier! reprit l'autre; moi Biscayen, gentilhomme per terre, per mer, per le diable: toi mentir; tire ton l'épée. ([Cervantes Saavedra, Miguel de]. *Don Quichotte de la Manche*. Traduzido por [Jean-Pierre Claris de] Florian. Vol. 1. Paris: Renouard, 1820,73)

(3) . . . un des écuyers . . . lequel était Biscayen . . . et dans une langue qui n'était plus du castillan que du biscayen, lui parla de la sorte: Va, chevalier, que mal ailles-tu; par le Dieu qui me créa, si le carrosse ne laisses, aussi bien mort tu es que Biscayen suis-je. . . . Pas chevalier, moi! je jure à Dieu, tant tu as menti comme chrétien. Si lance jettes et épée tires, à l'eau tu verras comme ton chat vite s'en va. Biscayen par terre, hidalgo par mer, hidalgo par le diable, et menti tu as si autre chose dis. (Cervantès Saavedra, Miguel. *L'ingénieux hidalgo Don Quichotte de la Manche*. Traduzido por Louis Viardot. Paris: Victor Lecou, 1853, 48)

(4) un écuyer . . . lequel etait Biscaïen . . . lui parla en mauvais castillan et pire biscaïen de cette manière: "Va, chevalier, que mal tu ailles par le Dieu qui créa moi, que si ne laisses coche, ainsi tu te fais mourir comme tu es là Biscaïen. . . . Moi, pas chevalier? Je jure Dieu, autant tu mens comme chrétien. Si tu baisses la lance et tires l'épée, tu verras bientôt comme on noie l'eau dans le chat. Biscaïen par terre, gentilhomme par mer, gentilhomme par le diable, et tu mens, regarde si autre chose tu dis." (Cervantes Saavedra, Miguel de. *L'ingénieux hidalgo Don Quichotte de la Manche*. Traduzido por César Oudin e François Rosset, revisão de Jean Cassou. Mayenne: Bibliothèque de la Pléiade, 1940 [1934], 65)

(5) . . . un cavalier biscaïen . . . l'apostropha ainsi en mauvais castillan ou en biscaïen, ce qui est pis encore: Va-t'en, chevalier, et mal ailles-tu; car, par le Dieu qui m'a créé, si toi ne laisses partir le carrosse, moi te tue, aussi vrai que je suis Biscaïen. . . . Moi pas chevalier! . . . moi jure Dieu, jamais chrétien n'avoir plus menti. Si toi laisses ta lance, et tires ton épée, moi fera voir à toi comme ton *chat*



à l'eau vite s'en va. Hidalgo par mer, hidalgo par le diable, et toi mentir si dire autre chose. (Cervantes Saavedra, Miguel de. *L'ingénieux hidalgo Don Quichotte de la Manche*. Traduzido por Charles Furne, J. Claye, Jules Gabriel Janin. Paris: Imprimerie de J. Claye, 1958, 38)

(6) Un écuyer biscayen . . . lui dit en mauvais espagnol e en plus mauvais basque: "Va-t'en, chevalier, ça va mal: par le Dieu qui moi m'a créé, si tu ne laisses pas la voiture, moi le Biscayen, je te tue là, tout de suite! . . . —Moi, pas chevalier? . . . je jure à Dieu autant tu mens comme chrétien; si tu jettes lance et tires épée, je te ferai vite voir comment je sais noyer le petit chat. Biscayen par terre, hidalgo par mer, hidalgo par le diable; et gare que tu mentes si tu dis autre chose." (Cervantès Saavedra, Miguel de. *Don Quichotte de la Manche*. Tome I. Traduzido por Francis de Miomandre. Paris: Le livre de poche, 1962, 66)

A primeira tradução, de Brotonne, é a única a manter-se dentro dos limites da língua padrão e, portanto, carece de maior interesse. A segunda, de Florian, cria uma fala extremadamente não-padrão, mediante o recurso de verter quase literalmente para o francês parte do original, omitindo porém o segmento "Juro a Dios . . . al gato llevas". Além disso, nota-se nessa tradução e nas demais uma tendência a apoiarem-se principalmente em um único traço não padrão, a saber:

142

(a) Pronome disjuntivo como sujeito de infinitivo: *toi ne pas laisser le carrosse; toi mentir; moi te tuer* (FLORIAN);

(b) Pronome disjuntivo como sujeito de uma forma finita: *si toi ne laisses partir le carrosse; toi lasses ta lance; moi te tue; moi jure Dieu; moi fera voir* (FURNE, CLAYE e JANIN);

(c) Pronome disjuntivo como objeto: *le Dieu qui créa moi* (OUDIN e ROSSET);

(d) Ausência de artigo definido: *tu jettes lance et tires épée* (MIOMANDRE);

(e) Ordem inversa de palavras e ausência de artigo definido: *si autre chose dis, si le carrosse ne laisses; aussi bien mort tu es; menti tu as si autre chose dis; tant tu as menti comme chrétien; si lance jettes et épée tires* (VIARDOT).



Uma expressão idiomática é uma construção cujo significado não se apreende diretamente a partir dos significados dos seus componentes. Como problema de tradução, as expressões idiomáticas impõem a busca de expressões equivalentes, tanto no significado denotativo como nas conotações estilísticas ou sociais. É o caso da expressão popular *llevar el gato al agua*, que segundo o *Diccionario de la Lengua Española* significa algo como "obter um triunfo numa situação difícil."<sup>9</sup> Ao bradar "¡el agua cuán presto verás que al gato llevas!" o escudeiro assegura a Dom Quixote que o derrotará, caso o cavaleiro se disponha a enfrentá-lo num duelo em termos iguais, quer dizer, ambos a pé e armados de espada. A questão é que, embora aquela expressão seja transparente ao leitor de fala espanhola, o tradutor precisa encontrar alguma expressão que, em primeiro lugar, lhe seja semanticamente equivalente, e só secundariamente, também próxima em forma à original. Segundo o tratamento dado àquela expressão, as traduções examinadas dividem-se em várias categorias. Deixando de lado a tradução de Florian, que salta a passagem em questão, temos as que se mantêm próximas ao original mediante uma tradução literal ou quase literal, embora esta pouco signifique, como no caso de *tu portes le chat à l'eau* "tu levas o gato à água" (BROTONNE). Algo mais elaborada é a solução de Franciosini, *el agua quan presto veràs che al gatto glievas*, onde a transposição literal se alia, com propósito humorístico, a uma hibridização da frase. Em ambos casos, os tradutores empregaram um dos traços característicos do espanhol dos bascos, ou seja, a modificação da sintaxe mediante o uso da segunda pessoa pela primeira. Outras traduções visam ao humor por meio de certa manipulação sintática, a saber:

<sup>9</sup> **Llevar el gato al agua.** 1. loc. verb. Triunfar en una competencia, salir ganancioso. 2. loc. verb. coloq. Superar una dificultad o arrostrar el riesgo de una empresa. *Diccionario de La Lengua Española*, 22a ed. Madrid: Real Academia Española.  
< [http://buscon.rae.es/draeI/SrvltConsulta?TIPO\\_BUS=3&LEMA=llevar%20el%20gato%20al%20agua](http://buscon.rae.es/draeI/SrvltConsulta?TIPO_BUS=3&LEMA=llevar%20el%20gato%20al%20agua) >



(a) alteração simples da ordem de palavras: *à l'eau tu verras comme ton chat vite s'en va* "à água tu verás como teu gato rápido vai" (VIARDOT).

(b) alteração simples da ordem de palavras combinada com algum uso agramatical, tal como um pronome disjuntivo em função de sujeito: *moi fera voir à toi comme ton chat à l'eau vite s'en va* "mim fará ver a ti como teu gato à água rápido vai" (FURNE, CLAYE & JANIN).

(c) mudança na ordem de palavras, produzindo um efeito absurdo no significado, como *tu verras bientôt comme on noie l'eau dans le chat*, "tu verás logo como se afoga a água no gato" (OUDIN e ROSSET).

São mais criativas as traduções que substituem a passagem em questão por uma expressão que, embora formalmente diferente da original, guarda um pouco do seu significado. É o caso da tradução de Gamba, *vedrai quanto presto il gatto te la graffierà via* "verás quão rápido o gato ta rasgará", onde fica subentendido o referente do clítico *la*. Uma tática parecida transparece na tradução de Giannini (*vedremo chi la vince* "veremos quem a vence"), bem como na de Carlesi, que emprega a expressão *tagliare* (dial. *tajèr*) *la testa al toro*, literalmente "cortar-lhe a cabeça ao touro", que significa "resolver enérgica e definitivamente um problema".<sup>10</sup> Têm bastante êxito as traduções ao português ao optar por uma expressão culturalmente equivalente que capta o significado da ameaça de uma derrota: *te vai tudo pelo pó do gato* (Azevedo e Castilho), *língua bem logo a tua dobrarás* (MOLINA), neste caso recorrendo também à ordem objeto-verbo, ou *vais ver uma fona* (RIBEIRO).

Um dialeto literário expressa aspectos da variação linguística não captáveis pela linguagem padrão, e portanto requer que os leitores saibam entender a fala representada e suas conotações. A representação da fala do escudeiro biscainho preenche estes requisitos, porquanto pertence a uma tradição viva na época de Cervantes. Embora seja mais fácil

<sup>10</sup> < <http://www.alibrando.it/proverbi/cerca-97-T.html> >.



preservar o significado denotativo do que reproduzir as conotações sociais e culturais de um dialeto literário, tem mérito o esforço de buscar, como no caso da tradução de Carlesi, uma variedade não-padrão que possa representar a variedade não-padrão do original.

Também se pode criar um dialeto literário pela emulação de uma variedade existente, ou através da combinação de elementos de duas ou mais variedades. Em certos casos, dada a inexistência de uma variedade da língua de tradução que possua as mesmas conotações do dialeto representado no original, o tradutor pode lançar mão de um dialeto literário aproximativo, criado *ad hoc* para esse fim específico. Esta solução obriga, porém, a prescindir das conotações sociolinguísticas do original. Por outro lado, porquanto a fala não-padrão não é apenas uma maneira alternativa de apresentar as mesmas idéias que poderiam ser expressadas pela fala padrão, uma tradução que não transmita pelo menos em parte as características não-padrão do original carecerá de algo essencial. O dialeto literário contribui poderosamente à caracterização das personagens, desfamiliarizando a fala e marcando de maneira singular a dinâmica social das personagens, convidando-nos a reconsiderá-las e a meditar sobre como a sua maneira de expressar-se cria contrastes culturalmente significativos, não apenas entre elas como entre elas e os leitores. Portanto, a tradução será tanto mais bem sucedida na medida em que preservar as conotações socioculturais criadas pelo contraste entre as vozes individuais, ainda que seu êxito seja condicionado pela realidade que tão bem comentou Cervantes: "el traducir de una lengua en otra, como no sea de las reinas de las lenguas, griega y latina, es como quien mira los tapices flamencos por el revés; que aunque se veen las figuras, son llenas de hilos que las escurecen, y no se veen con la lisura y tez de la haz." <sup>11</sup>

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

---

<sup>11</sup> Cervantes, *El ingenioso hidalgo don Quijote de la Mancha*, vol. 2, Parte segunda, Cap. LXII, edição de Luis Andrés Murillo, Editorial Castalia, Madrid, 1978, 519.



AZEVEDO, Milton M. "Orality in Translation: Literary Dialect from English into Spanish and Catalan." *Sintagma* 11, 27-43, 1998.

AZEVEDO, Milton M. "Considerations on Literary Dialect in Spanish and Portuguese." *Hispania* 85:3, 505-514, 2002.

BOWDRE, Paul Hull, Jr. "Eye Dialect as a Literary Device." In **A Various Language: Perspectives on American Dialects**. Editado por Williamson, Juanita e Burke, Virginia M. New York: Holt, Rinehart and Winston, 178-185, 1971 [1964].

CERVANTES SAAVEDRA, Miguel. **El ingenioso hidalgo don Quijote de la Mancha**, 3 volumes. Edición de Luis Andrés Murillo. Editorial Castalia, Madrid, 1978.

GARCÍA, Manuel José. **Estudio crítico acerca del entremés El vizcaíno fingido de Miguel de Cervantes Saavedra**. Madrid: Sucesores de Rivadeneyra, 1905.

IVES, Sumner. "A Theory of Literary Dialect", in **A Various Language: Perspectives on American Dialects**. Editado por Williamson, Juanita e Burke, Virginia M. New York, Holt, Rinehart & Winston, 145-177, 1971 [1950].

146

MAYORAL ASENSIO, Roberto. **La traducción de la variación lingüística**. UERTERE. *Monográficos de la Revista Hermeneus*, 1, 1999.

PARR, James A. "Don Quixote: Translation and Interpretation", in: **Philosophy and Literature**, 24, 387-405, 2000.

PÉREZ-REVERTE, Arturo. **Corsarios de Levante**. Madrid: Alfaguara, 2006.

QUEVEDO, Francisco de. **Los sueños**. Paris: Sociedad de Ediciones Louis-Michaud, 1900.

SCHNEIDER, Edgar W. & WAGNER, Christian. "The variability of literary dialect in Jamaican creole: Thelwell's *The Harder They Come*", in **Journal of Pidgin and Creole languages**, 21:1, 45-96, 2006.

SEBBA, Mark. *Contact Languages. Pidgins and Creoles*. New York: St. Martin's Press, 1997.



SNELL-HORNBY, Mary. "Übersetzen, Sprache, Kultur," in *Übersetzungswissenschaft — eine Neuorientierung. Zur Integrierung von Theorie und Praxis*. Organizado por Mary Snell-Hornby. Tübingen: Francke, 9-29, 1986.

SNELL-HORNBY, Mary. "The role of text-linguistics in a theory of literary translation", in *Textlinguistik und Fachsprache*. Organizado por Reiner Anntz. Hildesheim: Olms, 433-448, 1988.

THOMASON, Sarah G. *Language Contact. An introduction*. Washington, D.C.: Georgetown University Press, 2001.

